

## O Jornalismo Necrófago e a Exploração do Sofrimento<sup>1</sup>

Maria Estela VIEIRA<sup>2</sup>

Maria Clara FONSECA<sup>3</sup>

Francielio Galdino GOMES<sup>4</sup>

Rogério COSTA<sup>5</sup>

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, RN

### RESUMO

Este estudo contextualiza a relação necrofagia e sofrimento enquanto artifícios de setores do jornalismo atual. Objetiva entender os prejuízos causados pelo jornalismo necrófago, uma prática jornalística marcada pelo sensacionalismo da tragédia para atrair audiência. Metodologicamente, o estudo é de cunho bibliográfico-documental, tendo por base o caso dos apresentadores Wallace Souza e José Luiz Datena. Fundamenta-se o estudo em autores como Lima (2020), Abramo (2016), assim como o Código de Ética dos Jornalistas e matérias jornalísticas. Como resultado, espera-se estimular estudos sobre o jornalismo responsável, especialmente quando de cobertura de tragédias.

**PALAVRAS-CHAVE:** Comunicação; Jornalismo Necrófago; Audiência; Padrões de Manipulação; Ética.

### INTRODUÇÃO

Este estudo versa sobre o que se tem por Jornalismo Necrófago. Do grego *nekros* + *phagein*, a palavra necrófago é um termo utilizado para denominar os animais que se alimentam de outros animais mortos ou de substâncias orgânicas em decomposição. Assim como esses animais, muitos jornalistas utilizam a morte de pessoas para alimentar a audiência do telejornalismo brasileiro.

O jornalismo necrófago é uma prática jornalística que se caracteriza pela

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na IJ 1 – Jornalismo do 23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 20 a 22 de junho de 2023.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação do Curso de Jornalismo da UERN, e-mail: [estelavieira@alu.uern.br](mailto:estelavieira@alu.uern.br)

<sup>3</sup> Estudante de Graduação do Curso de Jornalismo da UERN, e-mail: [clarafonseca@alu.uern.br](mailto:clarafonseca@alu.uern.br)

<sup>4</sup> Estudante de Graduação 3º. período do Curso de Jornalismo da UERN, e-mail: [francieliogaldino@alu.uern.br](mailto:francieliogaldino@alu.uern.br)

<sup>5</sup> Orientador do trabalho. Professor do Departamento de Comunicação Social da UERN, e-mail: [paulorogério@uern.br](mailto:paulorogério@uern.br)

exploração sensacionalista da morte, do sofrimento e da tragédia alheia, com o objetivo de chocar ou atrair a atenção do público. Esse tipo de abordagem costuma ser vista como desrespeitosa e antiética, uma vez que se utiliza do sofrimento alheio como fonte de lucro ou fama.

Dentro deste tema, buscamos analisar programas de TV que seguem a linha editorial sensacionalista do jornalismo necrófago. Como citaremos mais tarde, além de programas, nos debruçamos sobre a literatura de alguns pesquisadores relevantes para os estudos dessa área e colocamos nossa própria análise acerca do exposto.

## **MATERIAL E MÉTODOS**

Para a realização deste trabalho, recorremos à revisão bibliográfica e análise de documentário. Utilizando ferramentas de pesquisas voltadas à comunidade acadêmica, reunimos artigos, partes de periódicos e material audiovisual que esclareceram o conceito de jornalismo necrófago, bem como os exemplos dos apresentadores, que embasam nosso trabalho. Após a pesquisa inicial, produzimos novos textos, sintetizando os aprendizados obtidos com os trabalhos acadêmicos. Estes textos, por fim, se transformaram neste resumo, que é uma pesquisa documental.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Aqui no Brasil temos alguns exemplos clássicos do jornalismo necrófago. Como exemplo, podemos citar o caso Wallace Souza, que tomou grande proporção após a plataforma de *streaming Netflix* lançar o documentário denominado *Bandidos na TV*. A produção mostra o programa Canal Livre, apresentado por Wallace Souza. As matérias da grade do programa eram sobre assassinatos, sequestros e cadáveres crivados de balas. O que mais choca é que, em alguns casos, a equipe de reportagem chegava antes da polícia. O apresentador Wallace Souza conquistava seu público com cenas impactantes, sem nenhum tipo de ética. A audiência do programa era tão significativa que durou 10 anos. Era exibido na TV Rio Negro, em Manaus, no estado do Amazonas.

O documentário mostra o lado oculto de toda essa audiência. Posteriormente, Wallace Souza foi processado e investigado como mandante de uma série de homicídios. Seu objetivo com os crimes era manter a audiência de seu

programa. A exploração do sofrimento humano é um problema que afeta não só o jornalismo, mas também outras áreas da mídia e da sociedade como um todo. A busca por audiência e lucro, muitas vezes, leva a uma cobertura sensacionalista e superficial dos fatos, que não respeita a dignidade e a privacidade das pessoas envolvidas.

Tanto o caso narrado anteriormente, quanto a abordagem escolhida pelo apresentador José Luiz Datena, que entrou na lama enquanto ressaltava a angústia vivida pelas vítimas da tragédia provocada pelas chuvas em São Sebastião, Litoral Norte de São Paulo, concordam com a afirmativa de que “A história do jornalismo está repleta de episódios em que foram enfatizados os aspectos negativos de personagens e instituições de interesse público” (ALBERT; TERROU, 1990 *apud* LIMA, 2020, p. 49).

A atitude de Datena, acima de tudo, desperta lembranças traumáticas nos sobreviventes e explicita a necessidade do apresentador de se colocar em risco não somente para alertar a população ou para fazer uma denúncia. Naquela situação, José Luiz visava, principalmente, chamar a atenção da audiência para si ao gerar uma grande comoção disfarçada de fazer jornalístico. Podemos, ainda, pautar a atitude antiética do apresentador com base nos padrões de manipulação da informação descritos por Perseu Abramo (2016), em sua obra *Os padrões da manipulação na grande imprensa*, onde afirma que um desses padrões é específico da radiodifusão: o padrão global. Esse padrão se divide em três atos que, unidos, levam ao que podemos assistir diariamente nos telejornais.

O primeiro ato é denominado pelo autor como exposição do fato. Aqui o veículo vai até o local onde tudo aconteceu, apura e adiciona o sensacionalismo e a emoção. No caso do apresentador Datena e de Wallace Souza, isso fica bem explícito quando o primeiro vai ao local de uma tragédia, se coloca em risco e usa frases comoventes para chamar a atenção do público, enquanto o segundo, mesmo no estúdio, expõe momentos de comoção popular para garantir pontos de audiência. O segundo ato se chama sociedade fala. Aqui o veículo ouve os personagens e continua enfatizando a emoção. A dor precisa se fazer presente o tempo inteiro para que o público se veja representado naquele cenário. São escolhidas pessoas chave para causar esse sentimento. O terceiro ato, por fim, se chama “autoridade resolve” e trata da entrada das autoridades no caso, para resolver a situação trágica exposta pelos veículos de comunicação. Apesar de não percebermos isso, o jornalismo brasileiro sobrevive,

muitas vezes, da dor e da miséria alheia. E o que nos faz aceitar como verdades absolutas aquilo que a mídia impõe em momentos delicados é justamente cada um desses padrões, somados a diversos outros que existem nos estudos da manipulação da comunicação.

Essas práticas podem incluir a publicação de imagens explícitas e sensacionalistas de tragédias e acidentes, a exposição de informações pessoais e privadas das vítimas e suas famílias, além da busca incessante por detalhes mórbidos e sensacionalistas para aumentar a repercussão da notícia. Embora o jornalismo tenha a importante função de informar a sociedade sobre eventos relevantes e trágicos, é preciso que os jornalistas considerem a ética em suas práticas e busquem evitar a exploração do sofrimento humano.

Com nossa pesquisa, percebemos que a abordagem necrófaga também pode ter consequências graves para os familiares das vítimas, pois pode gerar ainda mais dor e sofrimento, além de distorcer a realidade dos fatos. Tudo isso voltado para o interesse econômico dos canais de comunicação. Para Souza (2009), a mídia fatura com esse sensacionalismo pelo aumento do número de telespectadores.

Os padrões de manipulação da informação usados pela mídia, já citados anteriormente, ficam explícitos pela afirmativa de que “Com interesses sociais, a mídia resgata a imagem de defensora, denunciadora de atrocidades, inconformada com a crueldade, aproximando-se do povo e ratificando seu papel de formar a opinião pública e reforçar valores da sociedade” (SOUZA, 2009). A citação de Souza também reforça como a mídia consegue captar a atenção da população, que cada vez mais consome as notícias tidas como negativas.

Os resultados parciais da nossa pesquisa apontam para um consumo crescente de um jornalismo sensacionalista, defendido por grandes nomes e empresas brasileiras que, a partir do pretexto de proteger e informar a sociedade, acaba prejudicando-a e alienando-a com banquetes diários de sangue e carnificina.

Por isso, é importante que os profissionais do jornalismo e da mídia em geral tenham consciência da responsabilidade social que possuem e do impacto que têm na vida das pessoas. A ética jornalística deve ser respeitada em todas as situações, especialmente quando se trata de cobertura de tragédias e eventos que envolvem perda de vidas humanas.

## CONCLUSÃO

Portanto, notamos que alguns profissionais, como Wallace Souza e Datena, são responsáveis por um tipo de jornalismo que foge dos preceitos éticos da profissão em busca de audiência e, conseqüentemente, dinheiro. Toda a encenação criada tanto por estes profissionais, quanto por algumas empresas brasileiras de comunicação, é pautado na ideia de que os fins justificam os meios e a necessidade de lucrar com a dor de outras pessoas está acima do principal objetivo do jornalismo: informar com qualidade e responsabilidade. Ainda há muito a ser estudado sobre o jornalismo necrófago e seus impactos na sociedade brasileira, mas já podemos ver os frutos desse sensacionalismo com frequência ao ligar a TV ou ler matérias em portais e blogs de notícias.

## REFERÊNCIAS

ABRAMO, Perseu. **Padrões de manipulação na grande imprensa**. 2. ed. São: Editora Fundação Perseu Abramo, 2016.

GONÇALVES, Fábio. O jornalismo necrófago e os jornalistas carniceiros. In: **Brasil sem medo**, 07 de abr. de 2020. Disponível em: <https://brasilsemmedo.com/o-jornalismo-necrofago-e-os-jornalistas-carniceiros/>. Acesso em: 29 de mar, 2023.

LIMA, Rodrigo César C. O mal como preceito epistemológico do jornalismo. In: **Questões Transversais: Revista de Epistemologias da Comunicação**, São Leopoldo, v. 8, n. 16, dez. 2020. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/003022568>. Acesso em: 16 mar. 2023.

PLANETA NOVO. **Bandidos Na Tv - Wallace Souza**. Youtube, 17 de jan. de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HJTug-mWNg8>. Acesso em: 29 de mar, 2023.

SILVEIRA, Eduardo. Sofrimento não é critério de noticiabilidade. In: **Site Sul 21**, edição de 20 de jul. de 2016. Disponível em: <https://sul21.com.br/colunaseduardo-silveira-de-menezes/2016/07/sofrimento-nao-e-criterio-de-noticiabilidade/>. Acesso em: 30 de mar, 2023.

SOUZA, Anamaíra Pereira Spaggiari. Jornalismo policial sensacionalista: entre a audiência e a função social. In: **Anais do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** 32.



INTERCOM Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Campina Grande/PB – 20 a 22/06/2023

São Paulo: Intercom, 2009. Disponível em:  
<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/r4-1123-1.pdf>. Acesso em: 31 mar.  
2023.